Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Artigos

2013

A mulher negra na obra casa-grande e senzala de Gilberto Freyre e as relações cotidianas e de poder: experiência pedagógica com alunos da Formação Docente em Santo Antonio do Sudoeste, Paraná.

Autora: Marisa Bernardi[1]
Orientadora: Sônia Maria dos Santos Marques[2]

Resumo: No texto apresentamos os resultados da proposta da pesquisa realizada no PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional 2013/2014, coligando o projeto de Intervenção Pedagógica na Escola com as atividades da Produção Didático-pedagógica. As atividades foram implementada com alunos do segundo ano do curso de Formação Docente do Colégio Estadual Antonio Schiebel do município de Santo Antonio do Sudoeste, Paraná e educadores da rede estadual de ensino que participaram do GTR (Grupo de trabalho em Rede) caracterizado pela interação a distância entre o Professor PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual. O Projeto de Intervenção Pedagógica, teve como objetivo geral identificar as formas como eram representadas as mulheres negras na obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre, no contexto social brasileiro no período colonial e como objetivos específicos, analisar as características da mulher negra no Brasil colônia, contrastando-a com a mulher branca, identificar as relações de poder e as vivências cotidianas nas quais as mulheres negras eram envolvidas durante o período colonial brasileiro e compreender como se davam as relações de gênero em uma sociedade escravista (foco mulher negra). Na metodologia de trabalho, nos valemos da pesquisa bibliográfica como forma de aprofundar a análise da obra casa-grande e senzala de Gilberto Freyre. Na execução estabelecemos o problema de pesquisa: Como é retratada a mulher negra na obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre? Durante a implementação da proposta Pedagógica, utilizamos formas de metodologia de trabalho onde os alunos participaram e desenvolveram atividades variadas como: debates, leituras textuais, vídeos, músicas, organização de teatros e encenações, exibição de slides e problematização de questões. Ao final da implementação demarcamos reflexões sobre atitudes de valorização e respeito das mulheres negras e brancas, o conhecimento dos valores que as diferentes épocas atribuíram às questões de gênero e etnia no decorrer da história brasileira. Para dar suporte teórico-metodológico às ações nos valemos das contribuições de Alves (1999), Araújo (2008), Cashmore (2000), Falci (2008), Freyre (2004), Figueiredo (2008), Priori (2008), Rago (2006), Vainfas (1986), e Venâncio (2008).

---

[1] Pós- graduação em: Metodologia do Ensino de História para 1º e 2º Graus. Educação Religiosa Escolar e Teologia Comparada. Graduação em História. Professora da rede estadual de ensino, atualmente participante do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE 2013/2014. Colégio Estadual Antonio Shiebel - Ensino Fundamental e Normal - Santo Antonio do Sudoeste – PR.

[2] Graduação em História, Mestrado e Doutorado em Educação. Professora Adjunta na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão.

Introdução:

Ainda hoje, quando mencionamos a obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre há alvoroço, pois sua leitura mobiliza posicionamentos, igualmente apaixonados: há os detratores da obra e há os que destacam a qualidade descritiva de um determinado momento da história brasileira. Dessa forma, tal qual destacou Cardoso (2004, p.22) no prefácio da 49ª edição do livro quando lança o questionamento "por que a obra é perene? talvez por que ao enunciar tão abertamente como valiosa uma situação cheia de aspectos horrorosos, [...] desvende uma dimensão [...] que conviveu com quase todos os brasileiros". Desta forma, a atualidade e o significado da obra para as discussões sobre identidade nacional movimentaram nosso desejo investigativo para compreender como a mulher negra é apresentada. Tendo em vista o significado da mulher negra escravizada no contexto colonial compreendemos como o autor retrata o cotidiano e as relações de poder que tais mulheres viviam (tanto a vida nas fazendas, quanto a vida urbana). A situação das mulheres no período colonial brasileiro era distinta da masculina, o homem era superior, independente de sua classe social. Ainda que todas as mulheres fossem submetidas, esse processo era mais intenso em relação às mulheres negras. Sabemos que tais mulheres, mesmo discriminadas na sociedade colonial tinham funções diversas, serviam como: mucamas, escravas de ganho, prostitutas, trabalhadoras das lavouras, quituteiras, dentre outras. Quanto aos locais, viviam nas senzalas, nos centros urbanos ou na casa-grande, sendo muitas vezes mães de "bastardos" [3], amantes ou abusadas sexualmente por homens de sua convivência.

Em relação a esta questão, convém considerar que segundo Cardoso (2004, p.22):

> Gilberto Freyre inova nas análises sociais da época: sua sociologia incorpora a vida cotidiana. Não apenas a vida pública ou o exercício de funções sociais definidas (do senhor de engenho, do latifundiário, do escravo, do bacharel), mas a vida privada. Descreve os hábitos do senhor do patriarca e de sua família, por mais que a análise seja edulcorada, ela revela não só a condição social do patriarca, da sinhá, e doa ioiôs e iaiás, mas das mucamas, dos moleques de

---

[3] Designa filho que nasceu fora do matrimônio, ilegítimo.

brinquedo, das mulatas apetitosas, enfim desvenda a trama social existente.

Sendo assim, as desigualdades sociais e raciais durante o período colonial brasileiro são nítidas na obra Casa-grande e Senzala. Freyre (1998) descreve a vida cotidiana e privada da época, destacando o indígena e o negro, como submissos e escravos, que trabalhavam para aumentar o domínio patriarcal, econômico e político dos homens brancos detentores do poder.

Dessa forma, o lugar ocupado pela mulher negra ainda hoje na sociedade brasileira faz com que voltemos o olhar para uma obra (Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre) que foi ativa na produção de uma identidade nacional. Ainda que saibamos, que no cotidiano esta categoria ainda é desvalorizada e muitas vezes alocadas em lugares de subalternidade. Assim, o desejo de valorizar a ação das mulheres negras que vivenciam discriminação no mercado de trabalho, a partir das categorias: raça, classe e gênero. No projeto compreendemos como o autor tratou ou identificou o cotidiano das mulheres no período colonial, ajudando a entender o cotidiano atual, além de fornecer os subsídios para uma leitura historiográfica no espaço escolar. Ao favorecer que esta temática adentre a escola cria-se a possibilidade de valorização e conscientização dos alunos através das multiplicidades de atividades que foram desenvolvidas.

No processo de afastamento das atividades em sala de aula para participar e cursar o Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE 2013/2014, houve dedicação aos estudos, pesquisas e análises da temática sobre História e cultura Afro-brasileira, africana e indígena, tendo como titulo: A mulher negra na obra casa-grande e senzala de Gilberto Freyre: cotidiano e relações de poder. Nesse processo duas ideias foram centrais: a) predominaram proposição de atividades variadas nas quais os alunos e cursistas pudessem intervir, participar, opinar desenvolvendo um olhar crítico sobre o tema de estudo, problematizando a questão do preconceito e discriminação étnico-raciais; b) introdução do tema pesquisado na escola como produção didático-pedagógica, aplicando como conteúdo para ampliar o conhecimento dos alunos, demonstrando para a comunidade escolar os resultados das atividades desenvolvidas.

Durante o processo de Implementação das atividades didático-pedagógicas estabeleceu-se discussões *on line* com professores da rede pública estadual de ensino, através do Grupo de Trabalho em Rede - GTR[4], possibilitando novas alternativas de formação continuada, viabilizando espaço de estudo e discussão sobre as especificidades da realidade escolar, no qual debatemos as possibilidades e dificuldades do processo de Implementação na escola. Nessas ações, priorizamos o diálogo com os docentes que se inscreveram para o curso com a carga horária de 64 (sessenta e quatro) horas, que participaram e colaboraram no desenvolvimento das atividades propostas nas Temáticas, nos fóruns, diários e avaliações. A partir de tais ações, os cursistas elaboraram atividades para aplicarem com seus alunos, também opinaram e sugeriram novas propostas de atividades relatando experiências como educadores.

1. Análise de obra Casa-grande e senzala de Gilberto Freyre: vida cotidiana da mulher negra.

A obra Casa-grande e Senzala de Gilberto Freyre, retrata vários aspectos da sociedade brasileira durante o período colonial como os grandes latifúndios, a monocultura agrário-exportadora, a vida urbana e rural das famílias dominadas patriarcalmente. Ainda que os homens brancos sejam detentores do poder, interessa destacar o papel das mulheres brancas e negras, a submissão e resistência feminina, de forma particular dentro e fora da casa-grande e da senzala.

Para ampliar a discussão, convém conhecer o autor e seu percurso histórico. Gilberto Freyre viveu “em uma casa-grande da periferia do Recife. Herdeiro de uma família tradicional ligada ao mundo do açúcar, formado por instrutores particulares ingleses, franceses e por seu pai na aprendizagem do português e do latim” (SORÁ,1998, p.47). Como é possível perceber, o autor vem de uma família com valores sociais, que incentivavam a aprendizagem dos filhos, originário da região nordeste brasileira, onde a produção da monocultura e o latifúndio eram

[4] atividade do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que se caracteriza pela interação virtual entre os Professores PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual do Estado do Paraná, democratizando o acesso da Educação Básica aos conhecimentos teórico-práticos específicos das áreas/disciplinas trabalhados no Programa.

predominantes, provavelmente fatores que o levaram a descrever a sociedade colonial da época.

Estudos sobre a obra freyriana explicitam que “o contato sexual entre senhores brancos e os escravizados negros foi o ponto de partida para a elaboração dos conceitos a respeito da informalidade racial” (CASHMORE, 2000, p.218). Assim, podemos afirmar que o processo de miscigenação no Brasil e de poder que se estabelecem nas relações entre homens negros e homens brancos, mulheres negras e mulheres brancas, estão nítidos na sociedade brasileira atual, fator historicamente construído e presente na obra de Freyre.

Dessa forma, conforme Sarti (1992, p.38) para Freyre, “a família patriarcal, ambientada na casa-grande e na senzala, correspondia a um sistema social, econômico e político, sustentado [...], pela escravidão, pelo latifúndio e pelo patriarcado rural”. Assim, a estrutura econômica e padrões sociais da época colonial baseava-se na dominação dos senhores latifundiários sobre o restante da população brasileira, especialmente sobre a mulher.

Nesta perspectiva podemos perceber que a relação direta que Freyre estabelece entre atração sexual e a tolerância racial, tem mais ver com a cultura e com a ideologia, pois é “por constatar que os portugueses se sentiram sexualmente atraídos por índias, negras e mulatas que Freyre deduz, equivocadamente, a ausência de preconceito racial entre estes colonizadores” (VAINFAS, 1986, p.51).

Sobre esta questão, é importante considerar que:

> A relação direta que Freyre estabelece entre atração sexual e tolerância racial, como se a presença da primeira – matéria ligada às subjetividades –, fosse garantia da segunda – dimensão que tem a mais ver com a cultura e com a ideologia. É por constatar que os portugueses se sentiram sexualmente atraídos por índias, negras e mulatas que Freyre deduz, equivocadamente, a ausência de preconceito racial entre estes colonizadores (VAINFAS, 1986, p.51).

O autor destaca a conclusão equivocada de Freyre quando identifica a atração sexual dos portugueses pelas mulheres submetidas, como ausência de conflito racial. Parece esquecer a violência física e simbólica que mantinha na sociedade, relações assimétricas entre senhores e escravos e que não foram suaves e afetivas como Freyre relata, a miscigenação ocorreu independentemente

da discriminação e do preconceito racial, colocando o homem negro inferiorizado e a mulher negra sobre domínio dos homens e mulheres brancos.

Além do mais,

> Freyre não se referia apenas aos aspectos biológicos, mas buscava a própria constituição espiritual do povo; sua índole flexível, quase vulcânica, e marcada por três características: a mobilidade, a miscibilidade e a aclimatabilidade; depois condensadas na noção de plasticidade. Esse seria o legado dos trópicos, ou nos termos de Freyre, a nossa "civilização e sifilização". Aí estaria também o lugar dessa lógica de fusões, que acabava por adocicar o catolicismo, ou referendar um determinado desígnio ibérico, definido pela ideia de assimilação e plasticidade (BENZAQUEN, 2010, p. 2).

A maioria dos textos analisados sobre a obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre mostram a diversidade étnica e cultural do povo brasileiro, desde as formas de colonização, dominação, miscigenação e exploração, durante o Brasil colônia. Contrapondo a isso Benzaquen (2010), chama atenção para o fato de que o autor de Casa Grande e Senzala teria criado uma imagem quase idílica de nossa sociedade colonial, ocultando a exploração, os conflitos e a discriminação que a escravidão necessariamente implica, atrás de uma fantasiosa *democracia racial*, na qual senhores e escravos se confraternizariam como tendo uma vida cotidiana amigável e com poucos abusos senhoriais sobre os escravos.

Segundo Vainfas (1986, p.55), Gilberto Freyre, constrói uma imagem do "senhor paternalista" pois,

> muito próxima ao senhor ideal projetado pelos religiosos coloniais. Entretanto inclui relações sexuais entre bancos e negros – extraída certamente da escravidão doméstica – como prova da disposição lusitana a miscigenação o que de modo algum caberia no discurso dos Jesuítas e seus discípulos. Freyre incorpora, assim, uma ideia do projeto cristão e outra dos hábitos domésticos dos senhores, o que lhe permite construir um modelo clássico da escravidão patriarcal e desprovida de preconceitos raciais.

Através das considerações dos autores sobre obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre, se faz uma análise crítica da família patriarcal, dos costumes, da religiosidade, da sexualidade e da pretensa harmonia entre senhores e escravos

tanto na casa-grande, quanto na senzala. Mesmo nas áreas urbanas, onde o escravo era usado como mão-de-obra única ou complementar de muitas pessoas essas relações não eram simétricas uma vez que a condição de escravo permanecia.

As mulheres que faziam parte do Brasil colônia eram na maioria negras e brancas, conforme Vainfas (2008, p.115):

> O perfil das mulheres que habitavam o Brasil colonial, manteve-se prisioneiro, por várias décadas, de um sem-número, de imagens, parte delas verossímil, outra parte estereotipada. Com isso várias mulheres povoam as páginas de Casa-Grande e Senzala, da mulher submissa e aterrorizada com o castigo masculino até a mulher fogosa, sempre pronta a dar prazeres aos machos, a requebrar-se dengosa, pelas ruas desalinhadas das vilas coloniais, a seduzir com doçura nos caminhos, à beira do rio, à sombra de uma árvore ou no meio do mato.

Muitas eram as mulheres brancas casadas ou não que tinham ciúmes de suas escravas domésticas ou das senzalas, cobiçadas por seus maridos, pela beleza da cor da pele, virgindade ou desejo proibido, eram constantemente ameaçadas, perseguidas, maltratadas e torturadas a mando das senhoras brancas. Segundo Falci (2008, p.246), “algumas mulheres ricas possuíam muitas jóias [...], os livros de memórias nos falam que a mulher de elite no Nordeste sertanejo [...], era uma mulher mais simples na sua maneira de se vestir e aparecer”. A maioria das mulheres brancas da região Nordeste do Brasil, possuíam riqueza proporcionada pela produção açucareira do latifúndio ou pelo poder adquirido pelo matrimônio. Não podemos esquecer das mulheres de classe menos favorecida ou até mesmo as escravas que não tinham condições de levar uma vida de luxo ou de aparência social elevada, constantemente submissas ao homens do meio em que vivam (brancos e negras).

Sobre as relações entre essas mulheres Gilberto Freyre (1998, p.337) descreve:

> Sinhá-moça que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los a presença do marido, a hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade por ciúmes ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outra que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas, ou mandavam-lhes cortar os peitos,

> arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiarias.

Geralmente as mulheres negras eram maltratadas a mando das mulheres brancas, por ciúmes, desobediência e cobiças sexuais de seus maridos. Apesar de tantos castigos imputados às negras escravizadas Gilberto Freyre (1998, p. 249) salienta que “parece que as negras não ficam velhas tão depressa, nos trópicos, como as brancas; aos quarenta anos dão a impressão de corresponder às famosas mulheres de trinta anos dos países frios e temperados”. Em relação a esses relatos Falci (2008, p.249), descreve “uma grande variedade de aparências de escravas: de cor mulata, negra, cabra, crioula e fula, altas, baixas, tendo braços, mãos e pés compridos ou finos, dentes bons ou não, cabelos raspados ou encarapinhados” . Dessa afirmação é possível depreender que as diferenças fisionômicas se devem às diferentes proveniências africanas que tais mulheres tinham e não às formas de tratamento que recebiam.

Através desses exemplos é que podemos perceber a insegurança das mulheres brancas sobre as mulheres negras, o medo de serem trocadas por mulatas mais bonitas e charmosas da época, mesmo sabendo que tais ações seriam para satisfazer caprichos sexuais dos homens. Mas por outro lado, existiam também negras companheiras de sinhazinhas, mulheres e idosas brancas e que converteram-se em amas-de-leite, criando muitos dos filhos dos senhores, contado-lhes histórias que tornaram-se populares, dando banho, cuidando quando doentes, assumindo a função de verdadeira “mães” para as crianças. Tal demonstração, encontramos quando o autor afirma que “essas negras ou mulatas para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, [...] às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida entre as melhores escravas da senzala” (FREYRE, 2004, p.352).

Os relatos freyrianos, auxiliam a ver como eram as relações na casa-grande e na senzala entre brancos e negros, alguns maltratados por seus senhores e senhoras, outros recebendo um tratamento mais ameno e familiarizado. No entanto sabemos que a suprema violência repousava sobre a ação escravizadora que transformava homens e mulheres em mercadorias.

Dentre os escravos negros que viviam nas senzalas alguns eram

selecionados para servir na casa-grande. Sobre isso Freyre (1998, p.352), refere que à casa-grande faziam "subir da senzala para o serviço, mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação [...], cujo lugar na família ficava sendo não o de escravo, mas o de pessoa da casa".

Entre essas pessoas destacavam-se as mães-pretas, que, para Freyre (1998) recebiam lugar verdadeiramente de honra no seio das famílias patriarcais. Assim, "Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a benção, os escravos tratavam-nas de senhoras, os boleeiros andavam com elas de carro" (FREYRE, 1998, p.352).

Sobre essas negras quituteiras, cozinheiras ou criadas de copa, o autor assevera que "não é justo acusá-las de sujas ou descuidadas no preparo da comida, ou na higiene doméstica. Um tabuleiro de bolo de negra quituteira chega a brilhar de limpeza e de alvura de toalhas" (FREYRE,1998, p.354). Assim, podemos depreender que "cozinha da casa-grande brasileira nos tempos coloniais não foi decerto nenhum modelo de higiene**"** (FREYRE,1998, p.354). Essas negras serviam para todas as tarefas domésticas, incluindo a criação dos filhos das mulheres brancas. De acordo com o autor, eram geralmente, boas cozinheiras, lavadeiras, e de confiança, tendo uma aparência limpa, o que muitas vezes as brancas deixavam a desejar.

Sobre essa questão, Rago (2006, p.19) descreve:

> A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixar de ser relações - as dos brancos com as mulheres negras – de "superiores" com "inferiores" e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre esta base.

Nas casas-grandes as atividades domésticas eram abundantes, e as mulheres brancas não participavam dos afazeres domésticos, buscavam, nas senzalas mulheres negras escravizadas para desenvolver o ofício, não somente na parte de arrumação, limpeza e cozinha, mas principalmente no cuidado com as crianças, desde amamentação até a idade adulta de meninos e meninas brancas. Às vezes companheiras, conselheiras, "quase mães". Se não bastasse, quando

jovens, eram alvo do interesse sexual dos senhores, tornando-se amantes ou sofrendo violência sexual. Em outros casos, haviam casamentos Inter étnicos entre os grupos. É importante considerar que isto não livrava a mulher escravizada de situação de subalternidade, ainda, que muitas vezes, se produzisse nova família.

Naquele contexto é importante compreendermos as relações de trabalho para adentrar as formas como se compunham as relações sociais. Sobre isso é expressivo o que consta nas DCEs[5], (2008, p.64) é que, “as relações em que os seres humanos estabelecem entre si [...] se refere à produção material como a produção simbólica. As relações de trabalho permitem [...] organização social”.

No Brasil colônia, em diferentes regiões haviam mulheres que eram responsáveis pelo sustento de seus lares e organização familiar, o que ocorria com frequência na região das Minas Gerais onde a maioria dos homens iam em busca do ouro e abandonavam suas famílias. Neste contexto, as mulheres, especialmente as negras eram obrigadas a levar a vida e se responsabilizar pela manutenção da família.

Sobre essa questão Vainfas, (2008, p.116), relata que:

> As mulheres de carne e osso, ganhavam a vida como vendedoras de quitutes nas ruas de Minas, agindo como chefes de família, sós, sem maridos ou companheiros que saíam a cata de ouro e aventuras e não voltavam jamais. Mulheres que apesar de oprimidas e abandonadas, souberam construir sua identidade, e amansar os homens, ora recorrendo a encantamentos, ora solicitando o divórcio a justiça eclesiástica.

Algumas dessas mulheres acabavam envolvendo-se com outras para satisfazerem seus desejos sexuais. O autor argumenta que era “através de relações homoeróticas que senhoras, escravas e mulheres livres trocavam segredos, nos mexericos, nas alcovitagens e na preparação de mesinhas de variadas sorte” (VAINFAS, 2008, p.126). No caso do Nordeste colonial, especialmente em se tratando de mulheres brancas ou de famílias importantes, a tirania dos pais, de que fala Gilberto Freyre, talvez fosse mesmo capaz de afastar “meninas e moças do

---

[5] DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA. História. Secretaria do Estado da Educação do Paraná. 2008.

convívio com rapazes, a virgindade sendo um atributo mais que relevante para arranjar o casamento das filhas” (VAINFAS, 2008, p.126).

Já em outras regiões brasileiras coloniais a prostituição parece ter sido adotada como prática complementar ao comércio ambulante. No entanto, constituía atributo das escravas, empurradas muitas vezes a esse caminho pelos seus proprietários, tendo uma dupla jornada de exploração sexual e econômica no qual “o tabuleiro local de venda de produtos alimentares e gêneros locais poderia muitas vezes servir, também de disfarce para a prostituição plena, com o que as escravas cumpriam suas obrigações com seus patrões” (FIGUEIREDO, 2008, p.152).

Com isso, frequentemente as escravas usavam roupas sensuais para se prostituírem, para sustentar seus senhores e que, portanto, tinham de fazer de tudo para atrair homens usando “trajes sumários, trajes excessivos, trajes decompostos, todos eram artifícios culturalmente aceitos e admirados para incitar o desejo masculino, confirmar posição social e sublinhar a sedução do feminino” (ARAÚJO, 2008, p.56).

Outro ponto a destacar segundo Freyre (1998, p.372), é a referência das “tradições rurais que até mesmo mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos, meninas negras ou mulatas capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual”. O autor descreve ainda que “ninguém nega que a negra ou a mulata tenha contribuído para a precoce depravação do menino branco da classe senhoril: mas não por si, nem como expressão de sua raça ou de seu meio-sangue” (FREYRE, 1998, p.373). Sabemos que a questão do machismo levava a maioria dos meninos a frequentar, nos primeiros anos da adolescência, prostíbulos ou até mesmo relacionarem-se sexualmente com mulheres escravizados, mais experientes para demonstração de poder e prestígio social. Essa situação não coloca sobre as mulheres negras a culpa pelo assédio sexual sofrido no período colonial, mas demostra uma situação de poder que as inferiorizava e submetia no sistema escravocrata.

A sexualidade é tema recorrente na obra Casa-grande e Senzala, de Gilberto Freyre (1998). O autor destaca que muitas mulheres brancas usavam suas escravas para aumentarem a renda econômica:

> Senhoras brancas enfeitavam as mulecas de correntes de ouro, pulseiras, anéis e rendas finas, participando depois dos proventos do dia. Os negros e as pretas chamados de ganho serviam para tudo no

> Brasil: vender azeite-de-carrapato, bolo, cuscuz, manga, banana, carregar fardos, transportar água do chafariz às casas dos pobres – trazendo de tarde os proventos para o senhor. Muitas mulheres brancas eram consideradas desclassificadas que exploravam as escravas. As vezes negrinhas de dez, doze anos já estavam nas ruas se oferecendo a marinheiros enormes, grangazás, ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses, com uma fome doida de mulher. E toda essa superexcitarão dos gigantes louros, bestiais, descarregava-se sobre molequinhas; e além da superexcitarão, a sífilis; as doenças do mundo – das quatro partes do mundo, as podridões internacionais do sangue (FREYRE, 1998, p. 449).

A exploração sexual era nítida na colônia, principalmente nas áreas urbanas onde homens de vários lugares desembarcavam para negociações ou transporte de mercadorias e desfrutavam da fragilidade, virgindade e exploração aproveitadas pelas mulheres brancas sobre as meninas negras como forma de ganho.

Conforme Rago (2006) em relação à prostituição as vantagens da miscigenação correspondeu no Brasil as desvantagens da transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, como foi o caso da sifilização que contaminou pessoas de todas as classes sociais do Brasil Colônia, até mesmo as que viviam nas áreas rurais. Essas doenças e a miscigenação começaram juntas, e formam o brasileiro - o tipo ideal do homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio. De todas as influências sociais talvez a sífilis tenha sido, depois da má nutrição, a causa que mais deformou e dizimou a civilização brasileira. Sobre esse tema Freyre (1998, p.445) afirma que “a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parecer ter-se sifilizado antes de se haver civilizado”.

Além desse comércio sexual de escravas, para Freyre (1998, p.445):

> Havia também outros tipos de comércio por esses pátios ou esquinas: as negras de fogareiro, preparando peixe frito, mungunzá, milho assado, pipoca, grude, manuê, vendiam bebidas de sua cor “a dez réis a xícara acompanhada de fatias do infalível cuscuz de peixe, do pãozinho cozido, do amendoim, das pipocas, dos bolos de milho sovado ou de mandioca, vindas da cozinha africana ou indígena”.

De fato, a exploração sexual das mulheres escravizadas era constante no período colonial. Estas também atuavam, em multiplicidade de funções: do trabalho nas ruas como vendeiras, servindo na casa-grande, sendo de confiança ou “mães”

de crianças brancas, enfim, participando efetivamente das atividades rurais ou urbanas.

As discussões sobre cotidiano e relações de poder na obra Casa-Grande e Senzala exige que pensemos sobre os lugares que estas mulheres estavam presentes. As mulheres negras na sociedade brasileira frequentavam lugares diversos, desde a casa-grande, a senzala, as ruas, vilarejos, prostíbulos, comércio e lavouras. Contrapondo-se a isso, “havia apenas três ocasiões em que a mulher branca poderia sair do lar durante toda a sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada (ARAÚJO, 2008, p.49).

Através disso percebe-se que as mulheres negras tinham mais liberdade de frequentar lugares diversos, o que não acontecia para as mulheres brancas.

Segundo Figueiredo (2008,) as escravas trabalhavam principalmente na roça, mas também foram usadas por seus senhores como tecelãs, fiadeiras, rendeiras, carpinteiras, azeiteiras, ama-de-leite, pajens, cozinheiras, costureiras, engomadeiras e mão-de-obra para todo e qualquer serviço doméstico, enquanto “as negras forras,[...] saiam às ruas vendendo bolo de tabuleiro e o doce feito em casa, algumas tão boa doceiras que conseguiam ganhar dinheiro [...], em proveito das senhoras brancas” (FREYRE,1998, p.454). Era esse tipo de trabalho que ajudava algumas famílias brancas das áreas urbanas a manterem seu sustento e formalidade social. Com relação a esses relatos, Figueiredo (2008, p.145), argumenta que:

> Havia na região de Minas Gerais muitas mulheres ou escravas que trabalhavam no trato com o público, vendendo secos (tecidos, artigos de armarinho, instrumento de trabalho), e molhados (bebidas, fumo, comestíveis em geral), essas vendas eram quase sempre no lar de mulheres forras (alforriadas), chamadas de “negras do tabuleiro”. Formava assim uma verdadeira multidão de negras, mulatas, forras ou escravas que circulavam pelo interior das povoações e arraiais com seus quitutes, pastéis, bolos, doces, mel, leite, pão, frutas, fumo e pinga, aproximando seus apetitosos tabuleiros dos locais de onde se extraíam ouro e diamantes. As mulheres congregavam em torno de si segmentos variados da população pobre mineira, muitas vezes prestando solidariedade e práticas de desvio de ouro, contrabando, prostituição e articulação com os quilombos.

A sobrevivência de muitas mulheres forras que mantinham suas famílias sozinhas com um número considerável ou não de filhos provinha das atividades

comerciais que praticavam. A pobreza de muitas mulheres fazia da prostituição atividade complementar. Já segundo Venâncio (2008, p.200), “[...] as mulheres que trabalhavam em ocupações esporádicas ou eram quituteiras, lavadeiras e vendeiras viviam muitas vezes no limiar da pobreza”.

A realidade do Brasil colonial demonstra a desigualdade social presente na época, poucos eram proprietários rurais ou comerciais e muitos eram servos, escravos, submissos. Na casa-grande, na senzala, ou mesmo nas ruas brasileiras. as mulheres e crianças pobres, negras que viviam a mercê dos caprichos e trabalhos que tinham nas cidades e nos latifúndios sob a égide do poder patriarcal escravista.

Tal fato indica que o reconhecimento da mulher negra iniciou-se a partir do século XVIII do momento em que, segundo Freyre (2004, p.387):

> Já não eram as relações dos portugueses com as pretas, as e pura animalidade dos primeiros tempos. Muita africana conseguiu impor-se ao respeito dos brancos; umas pelo temor inspirados por suas mandingas; outras como as Minas, pelos seus quindins e pela sua finura de mulher.

Com o passar dos anos as mulheres negras começaram a ganhar respeito, impondo-se aos homens através da sua beleza, as formas de ganhar a vida ou mesmo a sedução que muitas satisfaziam esses homens.

Sobre a resistência das mulheres do Brasil colônia Figueiredo (2008, p.143), considera que “a exclusão que atravessou o além-mar, contrapunha a força da resistência e a persistente capacidade de definir novos papéis para as mulheres, [...] dos espaços de sobrevivência, na promoção da sociabilidade dos grupos”.

Era o medo de revoltas e resistências que faziam o governo colonial brasileiro controlar a vida e comércio desses escravos forros ou não, de forma que as vendas femininas de gêneros diversificados próximos aos lugares de onde extraíam ouro e diamantes ficaram proibidas, nem mesmo escravos libertos poderiam transitar em período noturno pelas cidades ou vilas, pois ameaçavam a integridade e a paz local.

Segundo Figueiredo (2008), em muitas regiões brasileiras as mulheres enfrentaram normas dominantes, preconceitos, perseguições, pela religiosidade, dominação e poder do Estado ou da administração colonial, mas sempre buscavam um caminho de justiça e igualdade social.

A obra casa-grande e senzala de Gilberto Freyre, para alguns comentadores críticos do livro, atestam que o autor descreve o processo patriarcal e escravocrata do país mostrando uma forma amorosa e suave das relações patriarcais, outros aceitam o relato como retrato da sociedade brasileira colonial. Mas deve-se considerar que foi com muita luta e resistência que os negros, especialmente as mulheres conseguiram a integridade e reconhecimento social, mesmo que ainda seja visível, no Brasil de hoje, as marcas desse processo de escravização e diminuição do outro.

2. Implementação da Produção Didático-Pedagógica: Possibilidades e limites.

Um dos problemas enfrentados hoje na sociedade, é a questão do preconceito étnico e cultural, consequentemente recebemos em nossas escolas alunos que trazem uma bagagem de discriminação, principalmente em relação aos negros, em lugares em que a predominância da origem euro descendente prevalece essas relações podem ser mais conflituosas. Sendo assim, existem adolescentes afrodescendentes na escola, que sentem a discriminação perante os outros. São filhos de mulheres de descendência negra, trabalhadoras, vivendo em bairros retirados do centro urbano ou nas áreas rurais do município e que, de formas variadas sofrem impactos dos conceitos e preconceitos que circulam na sociedade.

Esse fato demarca a importância de estudar e conhecer a obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre, que retrata a vida cotidiana e privada dos brancos e negros, as diferenças culturais, as formas de trabalho, as relações sexuais, e a religiosidade do Brasil colônia com os alunos.

No Colégio Estadual Antonio Schiebel Ensino Fundamental e Normal, percebemos ao abordar a temática sobre a mulher negra e a mulher branca, segundo a obra freyriana, identificamos que houve uma transposição didática em que os alunos interagiram, participando do desenvolvimento das atividades propostas, comentando criticamente as formas de cotidiano e poder da época colonial brasileira, através de atividades variadas (leituras textuais, análise de imagens, filme, slides, cartazes, confecção de maquetes, entre outros).

A partir dessas práticas vividas durante o processo de Implementação, e discutidas no Grupo de Trabalho em Rede - GTR, experimentadas através do projeto de pesquisa, ampliou-se leituras, interação com colegas e trocas de experiências, tal processo formativo intensificou a reflexão sobre a importância das estratégias pedagógicas como prática de ensino.

Nesse sentido, implementamos a produção Didático-Pedagógica tomando como referência os seguintes princípios: proposição de atividades com expressão oral, ampliação da capacidade de leitura, análise descritiva sobre um olhar da realidade brasileira e o lugar que os diferentes grupos étnicos foram alocados na sociedade.

Dessa forma, acreditamos que o conhecimento permite que olhemos a realidade cotidiana com mais instrumentos conceituais e por consequência conseguimos ação mais comprometida com os diferentes grupos étnicos que interagem na sociedade, pois "somos esse acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários [...], de diferentes modos de fazer para conseguir com elas viver, conviver e criar" (ALVES, 2003, p.62). Através dessas ações percebemos que o papel do professor é importante para a ampliação do conhecimento dos alunos e que tais práticas proporcionam a formação crítica dos discentes.

O projeto apresentado ao PDE 2013/2014, tal como é solicitado no programa, tem uma dupla função. De um lado, propomos pesquisa bibliográfica, investigando a visão da mulher negra (cotidiano e relações de poder) na obra Casa-grande e Senzala de Gilberto Freyre e de outro, a implementação de ações para trabalhar tal temática com os estudantes da escola lócus da pesquisa.

A investigação envolveu educandos do 2º Ano do Curso de Formação Docente do Colégio Estadual Antonio Schiebel, do Município de Santo Antonio do Sudoeste-PR. Durante a implementação do projeto " a mulher negra na obra casa-grande e senzala de Gilberto Freyre: cotidiano e relações de poder", foram desenvolvidas várias atividades, como: apresentação do Projeto na escola para a direção, equipe pedagógica e professores, divisão da obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre em capítulos, e distribuição para cada grupo de alunos. Posteriormente estimulamos a leitura, grupos de debates entre os discentes, exposição oral e questões descritivas sobre a obra analisada. Propusemos também

a exibição de slides destacando o papel da mulher negra e branca na sociedade brasileira colonial. Os grupos confeccionaram maquetes sobre a organização de espaço físico do engenho, relacionando com a casa-grande e a senzala, baseando-se na obra de Gilberto Freyre, elaboraram roteiros para encenações (em grupos), sobre a situação das mulheres e as características gerais da sociedade escravocrata do Brasil Colônia, e posteriormente apresentaram para a escola como atividade-síntese da implementação da proposta. Os grupos fizeram vídeo-documentário que estabeleceu relação entre a obra e o lugar ocupado atualmente pelas mulheres na sociedade brasileira.

Convém demarcar que esse trabalho surgiu da necessidade de conhecer os educandos, suas respectivas famílias e a situação racial e social em que eles vivem, tendo como meta principal a valorização e o conhecimento das mulheres afrodescendentes presentes no contexto social histórico e escolar, a partir das reflexões, indagações, questionamentos e conclusões da temática abordada.

3. Educação em Rede: Diálogo, formação e conhecimento em sala de aula.

> Os múltiplos cotidianos em que vivemos entre eles, a escola, no qual não conseguimos “ver” que este é um espaço tempo de relações múltiplas entre múltiplos sujeitos com saberes múltiplos, que aprendem/ensinam, o tempo todo, múltiplos conteúdos de múltiplas maneiras (ALVES, 1999. p.3).

No cotidiano escolar nos deparamos com alunos que possuem bagagens de conhecimentos diferenciados, em que cada um expressa de forma individualizada o que pensa e sente. Isso demonstra que a diversidade está presente em sala de aula e que os professores devem saber diferenciar tais experiências, trazendo os conteúdos à realidade do educando, através de múltiplas metodologias e práticas pedagógicas para um desenvolvimento crítico dos temas estudados.

O trabalho no cotidiano escolar pode ser marcado pela troca de experiências, pelas narrativas (ouvidas e pronunciadas), pelas formas como contamos as histórias vividas, os meios de representações de professores sobre as relações de ensino-aprendizagem, a identidade profissional, os ciclos de vida e tantas outras maneiras

para entender os sujeitos que convivem naquele espaço e as situações vividas no dia-dia social e escolar.

Diante desse processo destaca-se a importância do auxílio construtivo das redes sociais, como estudo e pesquisas de diferenciadas temáticas presentes na sociedade, contextualizadas na escola. Dessa forma, o Grupo de Trabalho em Rede-GTR, pode ser visto como um espaço formativo online para educadores. A ação no GTR envolveu debates, comentários e sugestões de temas como o papel da mulher negra e da mulher branca na sociedade brasileira colonial. No espaço virtual do GTR 2014, houve a participação de dezoito (18) cursistas que conseguiram concluir de forma satisfatória todas as atividades propostas nas temáticas que tiveram como temas centrais: o Projeto de Intervenção Pedagógica na escola e análise da obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre, que retrata o papel da mulher negra e branca no cotidiano e nas relações patriarcais de poder durante o Brasil Colonial. Segundo a participação, comentários e discussões dos cursistas do GTR-2014, a (Temática 1), abordou uma comparação da mulher branca e negra na sociedade brasileira, as formas de marginalidade imposta às mulheres, as dificuldades de inserção social, a inferioridade e incapacidade de ação, e o reconhecimento ainda deficitário do papel da mulher na sociedade.

As mulheres negras exerciam funções variadas como: escravas de ganho, mucamas, quituteiras, prostitutas, amas de leite, nos engenhos, dentro das casas, vistas como objetos de prazer, trabalhando incansavelmente. Tudo isso acarreta "uma reflexão da intimidade entre senhores, escravos e todos os que estavam sob sua tutela, com relações de fronteiras da casa-grande e senzala, justificando o poder e dominação do "patriarcado" (cursista, comentário, 12 de março de 2014). Também "há muitas críticas sobre a visão de Freyre, pela percepção de uma relação amistosa entre a sociedade escravocrata patriarcal onde tudo ocorreu de forma amorosa e com relações suaves" (Cursista, comentário, 22 de março de 2014).

Atualmente o Brasil se diz miscigenado, porém há uma máscara sobre o preconceito, a mulher negra ainda não conseguiu o reconhecimento desejado, muitos são os espaços de atuação e resistência, pois continua vítima de um sistema injusto e racista, em que a mobilidade social se processa lentamente, tendo como

justificação a origem escrava. Tais fatos constituem empecilho na busca pela cidadania e ascensão social.

Nesse sentido, convém demarcar o significado social da Lei 10.639/03 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas da Educação Básica. A lei defende a igualdade racial em todos os níveis da sociedade, com direito a liberdade de expressão e não discriminação. Sendo assim, cabe a nós educadores, relatar e desmitificar essas ideologias, rompendo preconceitos presentes na sociedade enfrentando a desigualdade para restabelecer a dignidade das pessoas marginalizadas. Tudo isso deve ser cobrado pelas autoridades competentes, como o direito de cada pessoa, sendo ela negra ou branca.

Outro tema central das atividades propostas foi a Implementação Pedagógica na escola que objetivou retratar o papel da mulher negra e da mulher branca no cotidiano e nas relações patriarcais de poder durante o Brasil Colonial, comparando com a situação social das mulheres atualmente. Nesse sentido, as participações no Fórum 2 [6] e Diário 2 [7], os comentários e discussões dos cursistas do GTR-2014 apontaram para a necessidade de que esta temática esteja incluída de forma orgânica nos conteúdos escolares. A Temática 2 abordou as formas de marginalidade imposta à essas mulheres, as dificuldades de inserção social, a inferioridade e incapacidade da sociedade de produzir novo equilíbrio da relações étnico-raciais. A produção didático-pedagógica na escola apontou uma espécie de consolidação na cultura nacional e a valorização da mestiçagem racial como um dos mais sólidos fundamentos da sociedade brasileira e da mesma forma uma das questões que exige aprofundamento. Nesta perspectiva, cinco Eixos são considerados fundamentais para a Implementação da produção didática com os alunos, tais como: Eixo I: A mulher negra na casa-grande e na senzala; Eixo II: Relações entre a mulher branca e a mulher negra na obra casa-grande e senzala; Eixo III: A sexualidade e o trabalho na obra casa-grande e senzala; Eixo IV: Espaços frequentados pelas mulheres negras e brancas na sociedade brasileira do período

[6] ferramenta da internet destinada a promover debates por meio de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. Espaço de discussão, troca de experiências e notícias.
[7] Local para registro de aprendizagens e ou atividades realizadas pelos participantes sobre determinada temática.

colonial; Eixo V: Formas de resistência e submissão das mulheres negras escravizadas. Os eixos tiveram como objetivos identificar a vida da mulher negra, no período colonial, na casa-grande e na senzala, descrever como se relacionavam as mulheres brancas e negras segundo a obra de Gilberto Freyre; compreender os processos e ralações de trabalho e sexualidade na casa-grande e na senzala e os lugares frequentados pelas mulheres brancas e negras no Brasil Colônia.

A partir da leitura textual do Projeto e discussão da obra Casa Grande e Senzala, as formas de resistência e a submissão das mulheres negras do Brasil Colônia, instigou os cursistas a perceberam que a mulher negra na Casa Grande teve influência na vida e educação, dos filhos de seus senhores, no modo de falar, andar; nas músicas que deliciavam os sentidos nos cantos de ninar para as crianças pequenas, pois a escrava era responsável pela primeira educação dos filhos das sinhás.

As propostas de ações reuniram atividades diferenciadas com o propósito da "valorização da cultura afro-brasileira e principalmente o foco na mulher em diferentes tempos e espaços de nossa história", (cursista, 25 de março 2014). A variedade de metodologias aplicadas em sala envolveu: trabalho em duplas, grupos, encenações, análise de imagens e sons dentre outras. Tais ações mostraram-se potentes como instrumentos teórico-práticos para uma intervenção pedagógica comprometida com a mudança social.

Ao analisar os Eixos apresentados é importante salientar o desenvolvimento da pesquisa, considerou as particularidades da faixa etária, estímulo à relação entre o aluno e seu material, suas opiniões e análise dos materiais disponibilizados sobre em relação ao conteúdo sobre a mulher e seus papéis em diferentes épocas. O desenvolvimento dos eixos, oportunizou ao aluno estudar, debater, refletir e analisar cada situação que envolveu a submissão da mulher, buscando à igualdade de gênero como elemento essencial para conseguir a cidadania.

Durante o desenvolvimento da Temática 3, houve a socialização e aplicabilidade das ações de Implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, em que relatamos os avanços e desafios enfrentados nessa fase. No primeiro Fórum, discutimos experiências e resultados parciais observados no

desenvolvimento do Projeto na escola. Como interação das atividades, os cursistas refletiram e opinaram sobre os resultados apresentados, trazendo contribuições para o debate, discutindo com os demais colegas, em uma troca de experiências, abordando e descrevendo sobre suas práticas pedagógicas em sala de aula.

As atividades e relatos de experiências dos cursistas demonstraram que "há dificuldades de conscientizar nossos alunos perante, as redes de informações, devemos acreditar naquilo que é correto quando trabalhamos sobre preconceito e discriminação, principalmente das mulheres" (cursista, 19 de abril de 2014). Outra dificuldade mencionada foi que "pais ausentes, desconhecidos, ou que delegam a função de educar à escola ou a outrem. Acredito ser esse um dos principais causadores da marginalização, pois ainda não falamos a mesma linguagem das redes sociais" (cursista, 22 de Abril, 2014). Tais fatores mostram que os professores identificam a dificuldade de manter diálogo com os alunos e seus familiares e que esta situação traz prejuízo direto às práticas pedagógicas.

Vale ressaltar, que os professores são formadores de opiniões e tem muitas vezes a capacidade de fazerem com que os alunos acreditem que é possível mudar os cenários nos quais inúmeras mulheres negras têm sido e ainda são, ao longo de mais de 500 anos da história brasileira, as maiores vítimas da profunda desigualdade racial que vigora em nossa sociedade. Em relação ao mesmo tema, outra cursista assim se manifesta: "as populações de origem negra, os sertanejos do Nordeste e o indígena, mas a mulher não deixa de ser uma peça fundamental para a constituição da miscigenação do povo brasileiro" (cursista, 25 de Abril de 2014). Como podemos perceber essa temática potencializou o diálogo entre docentes que participaram da formação no GTR.

Dessa forma, diante da violência presente em nossa sociedade contra as mulheres, destacamos a Lei nº 11.340/2006 conhecida como Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir atos de violência doméstica e familiar contra as mulheres. A Lei contribui para que as questões de gênero sejam desnaturalizadas. No entanto, bem sabemos que há distância entre o que propõe a lei e o que é implementado na sociedade brasileira. Para ampliar a questão, uma das cursista disse que é importante que "os educadores podem trabalhar com alunos para que se tornem cidadãos bons e respeitadores de todas as pessoas: mulher negra e não

negra, o índio, o velho, os gays, todos merecem e precisam ser respeitados" (cursista, 20 de Abril de 2014). Com base nessas reflexões percebemos como as mulheres eram tratadas na época do período colonial e como são tratadas nos dias atuais, desenvolvendo uma visão crítica a intersecção entre questões de gênero e étnico-raciais.

O segundo Fórum da Temática 3, "Vivenciando a Prática", teve como objetivo sociabilizar os encaminhamentos metodológicos da implementação do Projeto de Intervenção na Escola segundo as perspectivas dos cursistas, baseando-se nas experiências relatadas referentes as propostas da Implementação Pedagógica nas Escolas em que atuam.

Os cursistas, descreveram atividades que incluíram uma ação da Implementação, já apresentada, aplicando na escola ou local de trabalho, adaptando-a quando necessário e relatando ou ainda descrevendo uma experiência explicando as atividades desenvolvidas, os objetivos alcançados relacionados às ações da proposta de implementação. Nesse contexto relataram atividades realizadas com seus alunos nas quais trabalharam sobre a mulher negra na sociedade colonial e atual, com metodologias variadas, usando como apoio textos, vídeos, filmes, slides, histórias em quadrinhos, confecções de painéis, encenações, pesquisas e debates envolvendo a temática.

Enfim, as análises e comentários descritos nas Temáticas apresentadas, desenvolveram atitudes críticas referentes ao preconceito e discriminação e ainda um estudo das leis que objetivam proteger e valorizar as mulheres negras (e brancas) atualmente. Diante disso, a escola, bem como a educação cotidianamente pode ser vista como um espaço sócio cultural, em que os sujeitos elaboram e reproduzem uma cultura própria através das experiências sociais vividas por eles. Segundo Dayrell (2009, p. 194) "estes sujeitos na escola desempenham um papel ativo no cotidiano, que define o que a escola é realmente, pois esta pode possibilitar ou limitar, conflitando ou dialogando, constantemente com sua organização". Essas ideias demonstram que devemos refletir acerca da escola como uma instituição comprometida com a cidadania e que convive diariamente com diversidades étnicas e socioculturais num processo de aprendizagem e humanização.

2 Considerações Finais

Durante o processo de análise, leitura e organização da pesquisa sobre a obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre, observamos que o Brasil é miscigenado devido a sua colonização e variedade cultural, presente no cotidiano e que tal constituição reflete as discussões sobre identidade que constituem o cotidiano escolar. Ao analisarmos a seleção do tema do projeto, o processo de implementação na escola e avaliação das atividades realizadas pelos alunos e cursistas que muitas são as críticas sobre os textos freyrianos, pois se considera que, historicamente, esta obra impactou a visão de branqueamento constituindo a identidade brasileira. No entanto, é uma obra de referencial, por mostrar uma visão sobre o papel da mulher negra na sociedade brasileira de submissão, discriminação, lutas, resistências e conquistas. Essas temáticas enfatizam a importância do Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, como uma política de Formação Continuada de Professores desenvolvida pela SEED-PR e que proporciona aos participantes subsídios teórico-metodológicos que incentivam o desenvolvimento de ações educacionais, o aperfeiçoamento do professor e ações que ecoam no cotidiano da escola, dos alunos, dos profissionais da educação. Nesse sentido, esta política de formação pode colaborar para mudar o fazer pedagógico nas escolas. Assim, o Projeto de Implementação Pedagógica na escola teve como objetivo geral identificar as formas como eram representadas as mulheres negras na obra Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre, no contexto social brasileiro no período colonial. Em relação a esta questão os resultados foram satisfatórios, pois os alunos, durante a exposição e análise das temáticas, demonstraram interesses, colaboraram e participaram dos debates indicando apropriação sobre os conteúdos propostos. Nas atividades com os alunos houve a apresentação da biografia de Gilberto Freyre, até então desconhecida por muitos educandos. Observamos também ampliação da leitura e interpretação, realização de debates qualificados com a participação da maior parte dos alunos. Os grupos de discentes confeccionaram desenhos representando relações das mulheres negras e brancas no Brasil colonial (segundo a obra Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre), montaram painel informativo sobre a questão permitindo que os demais alunos da escola ampliassem seu

conhecimento sobre a temática. Com a exibição do filme “Histórias Cruzadas”, houve momentos de discussões sobre a submissão, preconceito e discriminação das mulheres negras pelas mulheres brancas na sociedade. Essa atividade incentivou-os para que desenvolvessem roteiros de encenações (montagens de peças teatrais) que retratavam o cotidiano e as relações de poder do período estudado.

Os grupos ainda confeccionaram uma maquete representando o Engenho, ou seja, a Casa Grande e Senzala segundo imagem que compõe o encarte da obra de Gilberto Freyre (1998). Nessa atividade todos os membros dos grupos participaram, opinaram, diferenciando a organização estrutural da casa grande e da senzala na maquete. Ainda sobre esta temática foi debatido em sala o texto do professor Lemos: “Respeitar a mulher: esta é a Lei”, disponível em: http://www.professorlemos.com.br/upload/50757533796330686956.pdf.

Todos os trabalhos e atividades desenvolvidas pelos alunos em sala de aula e extraclasse[8] instigaram a criticidade, sobre questões como o preconceito, a discriminação, especialmente das mulheres negras atualmente. Ao analisarem as características da mulher negra no Brasil colônia contrastando-a com a mulher branca compreenderam a assimetria da forma como se estruturaram as relações de gênero e étnico-raciais no Brasil. A partir dos conhecimentos apropriados, os discentes produziram um vídeo-documentário de aproximadamente 5 (cinco) minutos, que foi apresentando para a escola e, posteriormente, pretendemos reapresenta-lo no mês de Novembro - Dia da Consciência Negra, na Noite Cultural em evento que ocorre todos os anos, com a participação da comunidade escolar. Da mesma forma desenvolvemos as Temáticas no Grupo de Trabalho em Rede-GTR 2013/2014, que caracterizaram-se pela interação entre o Professor PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual. Nesse sentido, o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola, a Produção Didático-pedagógica e da Implementação do Projeto de Intervenção na Escola, foram objeto de debate, análise crítica e serviram como inspiração para que os professores provocassem o trato da questão com seus alunos em outras escolas do estado do Paraná. Em relação ao Projeto de Intervenção Pedagógica na escola sobre a obra Casa Grande e Senzala de Gilberto

[8] Durante o período de execução das atividades pedagógicas disponibilizamos orientação aos grupos de alunos no período de contra-turno para que os discentes pudessem qualificar a produção e ter momento mais intenso que permitisse que cada grupo estabelecesse diálogo com a professora.

Freyre, destacaram o papel da mulher negra e da mulher branca no cotidiano e nas relações patriarcais de poder durante o Brasil Colonial. Segundo as participações, a temática ainda é controversa justamente por que mantemos relações de gênero e étnico-raciais assimétricas.

Como referimos, as mulheres negras exerciam funções variadas na sociedade do Brasil colonial, levando a uma reflexão sobre a intimidade entre senhores, escravos e todos os que estavam sob a tutela dos senhores de terras e escravos, o que era usado para justificar o poder e dominação do patriarcado. Com isso, pode ser destacado o Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE, como um processo de formação de educadores que, ao envolver-se em projeto de pesquisa e intervenção podem amenizar questões didático-pedagógicas associadas a relevância social do conhecimento, problema que compõe o cotidiano da escola brasileira. Nesse sentido, uma professora cursista, participante do GTR demarcou que atividades que desenvolvam a conscientização e criticidade em relação à temática abordada, são significativas por que "é importante salientar que a mulher negra sempre lutou pela sua independência, mas a partir do século XVIII, começa impor ao homem pela sua beleza um respeito que antes não existia" (cursista, 28 de março, 2014). Assim, às críticas a visão de Freyre e a percepção da relação amistosa entre gênero e etnia na sociedade escravocrata patriarcal.

Atualmente o Brasil sendo um país miscigenado ainda há uma máscara sobre o preconceito, a mulher negra ainda não conseguiu o reconhecimento desejado. Muitos são os espaços de atuação e resistência, ainda que tenhamos que reconhecer que a mobilidade social se processa lentamente, tendo a desculpa de suas origens escravas constituírem um empecilho para a cidadania e ascensão social.

Nesse contexto, as lei 10.639/03 e 11.645/08 ao defender a igualdade racial em todos os níveis da sociedade contribui para que esta temática seja mais presente na escola. Sendo assim, cabe aos educadores, relatar e tentar desmistificar as ideologias, romper preconceitos e contribuir para debelar a desigualdade. Dessa forma, as propostas de ações reuniram atividades diferenciadas com o propósito da valorização da cultura afro-brasileira e principalmente o foco na mulher em diferentes tempos e espaços de nossa história. As variedades de metodologias

aplicadas em sala e abertura de um espaço de diálogo reforçaram a ideia de que o ato educativo exige intencionalidade, prática, reflexão e reconstrução uma vez a realidade é complexa e multifacetada.

A Socialização e a aplicabilidade das ações de Implementação do Projeto de Intervenção na Escola, os avanços e os desafios enfrentados durante essa fase de Implementação, proporcionaram relatos de experiências e resultados parciais observados no desenvolvimento das atividades durante o Grupo de Trabalho em Rede-GTR, em que os cursistas refletiram e opinaram sobre os resultados apresentados, trazendo contribuições para as práticas pedagógicas em sala de aula (do professor PDE e dos cursistas). Dentre os relatos, lemos afirmações de que "há dificuldades de conscientizar nossos alunos perante toda essa rede de informações expostas nos atuais meios de comunicação, mas devemos acreditar naquilo que é correto quando trabalhamos sobre preconceito e discriminação, principalmente das mulheres" (cursista, 22 de Abril, 2014).

O contexto brasileiro demonstra a urgência que continuemos a debater esta temática na expectativa de que os alunos se tornem cidadãos bons e respeitadores de todas as pessoas: mulher negra e não negra, o índio, o velho, os gays, lésbicas, dentre outros, pois todos merecem e precisam ser respeitados. Nesse contexto, acreditar na função da escola não é utopia, é ação concreta e cotidiana que exige posicionamento crítico de todos os atores sociais que postulam a igualdade.

Referências

ALVES, N. **Tecer conhecimento em rede**. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. *O sentido da escola.* Rio de Janeiro: D, P & A, 1999. p.111- 120.

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano Escolar**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23 Revista Brasileira de Educação 65. Retirado do site: www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a04.pdf. Acesso em: 25 de Maio de 2014, as 16 h e 31 min.

ARAÚJO, Emanuel**. A arte da sedução:** Sexualidade feminina na colônia. In: PRIORI, Mary Del(org);Carla Bassanezi (coord. de textos).9ª.ed.1ºreimpressão. São Paulo:Contexto, 2008.p. 45-113.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:

Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 198-196.

BENZAQUEN, Ricardo. **Mal-estar na Cultura www.malestarnacultura.ufrgs.br** Acesso em: 10 de abril de 2013: 13h e 40min.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e raciais/**Ellis Cashmore com Michael Banton.(et:al);(tradução Dinah Cleve). São Paulo.: Selo Negro.2000.2ºed.

CONCEIÇÃO, Evaristo**. Relações raciais e a representação da mulher negra.** http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/17333/17333_3.PDF acesso em 24 de Abril de 2013 em 15h e 58min.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. http://bases.bireme.br/cgbin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=663563&indexSearch=ID. Belo Horizonte. UFMG. 2009. p.194. Acesso em: 25 de Maio de 2014, 16h e 58min.

FALCI, Knox Miridan. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In: PRIORI, Mary Del (org); Carla Bassanezi (coord. de textos). 9ª. ed.,1ºreimpressão-São Paulo:Contexto,2008.p. 241-317.

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais**. In: PRIORI, Mary Del(org); Carla Bassanezi(coord. de textos). 9ª.ed.,1ºreimpressão-São Paulo:Contexto, 2008.p.141-185.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 49º edição, rev. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal/Gilberto Freyre; ilustrações em cores de Cícero Dias; desenhos de Antonio Montenegro.-34ºed.-Rio de Janeiro:Record,1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Vol. 36. J. Olympio, 1943. http://www.scielo.br/pdf/ts/v9n2/v09n2a01.pdf Acesso em: 18 de Abril de 2013, 18h e 34min.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: História**. Curitiba. Secretaria da Educação, 2008.

PRIORI, Mary Del(org); Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil.** 9ª.ed.,1ºreimpressão, São Paulo:Contexto, 2008.

RAGO, Margareth. **SEXUALIDADE E IDENTIDADE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA** In SILVA, Glaydson José da. Dossiê Identidades Nacionais N. 2 – outubro/novembro 2006–www.unicamp.br/~aulas.: Acesso 19 de abril de 2013 ás 10h e 40min.

RAGO, Margareth. **Sexualidade e Identidade na Historiografia Brasileira.** Revista Aulas. Dossiê Identidades Nacionais. N. 2 – outubro/novembro 2006 Organização: Glaydson José da Silva- Departamento de História – IFCH/UNICAMP-e dia 30 de Abril de 2013. Acesso 13h e 36 min.

SORÁ, Gustavo. **Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa Grande Senzala* de Gilberto Freyre:** A construção sociológica de uma posição regionalista**,** Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 13, n. 36, São Paulo: 1998. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69091998000100008**.** Acesso em 24 de Abril de 2013, 15h22min**.**

VAINFAS, Ronaldo. **Homoerotismo feminino e o Santo Ofício**. In: PRIORI, Mary Del(org);Carla Bassanezi(coord. de textos). 9.Ed.1ºreimpressão-São Paulo:Contexto,2008.p. 115-139.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**. História Brasileira. 8ª ed. Ed.Vozes. Petrópolis.1986.

VAINFAS, Ronaldo. **Tempo Colonização, miscigenação e questão racial:** notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira RTF. 1999. Disponível em: http://www.ccm.org.br/public/images/mcefiles/docs/miscigenacao.pdf. Acesso em 20 de abr. 2013. 10h32min.

VENÂNCIO, Pinto Renato. **Maternidade Negada**. In: PRIORI, Mary Del (Org.); Carla Bassanezi (coord. De textos). 9ª.ed.,1ºreimpressão-São Paulo:Contexto,2008.p. 189-221.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos, HIZUME, Gabriela de Camargo. **Violência contra a mulher**: quebre este ciclo. Francisco Beltrão: Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, 2014.

KLUG, Melandia B. **Língua Portuguesa:** minidicionário escolar. – Blumenau: Vale das Letras, 2010.